

Merci, Jacques!

Debate União Europeia António Vitorino

Hoje, Jacques Delors comemora o seu 90.º aniversário. Escassas três semanas após o Conselho Europeu lhe ter outorgado o título de Cidadão de Honra da Europa.

A distinção passou despercebida, envolta no ruído que rodeou a crise grega. E, contudo, o título de Cidadão de Honra da Europa, até hoje, foi conferido apenas a dois outros vultos da construção europeia: Jean Monnet e Helmut Kohl.

Para nós, amigos e admiradores de Jacques Delors, a escassa visibilidade da distinção entristece-nos. Mas, em certa medida, o episódio é muito revelador da União Europeia de hoje!

Conforme pude escrever no prefácio à edição portuguesa do seu volume de *Memórias* (de 2004), Jacques Delors foi um “visionário pragmático”. À frente da Comissão Europeia, durante dois mandatos, ele formulou o tríptico que presidiu aos destinos das Comunidades e, depois de 1992, da União Europeia: “A concorrência que estimula, a cooperação que reforça, a solidariedade que une!”

Esta visão abrangente esteve na base do Ato Único Europeu e do grande mercado interno, do Tratado de Maastricht que lançou a União Económica e Monetária, do projeto da coesão económica e social assente nos fundos estruturais e na criação do fundo de coesão, da cidadania europeia, do programa Erasmus, da carta social europeia, dos sucessivos alargamentos aos países ibéricos, à Áustria, Suécia e Finlândia até à abertura à Europa Central e do Leste após a queda do Muro de Berlim.



“Invocar o legado de Jacques Delors significa, acima de tudo, recordar aos dirigentes europeus de hoje os valores e os objetivos do projecto pelo qual eles são responsáveis”



como o mundo mudou nestas últimas décadas e que o projeto europeu tem de se adaptar às novas condições da globalização tecnológica e comunicacional, ao peso crescente da globalização financeira, ao desafio que representam os “modelos alternativos” das economias emergentes.

Invocar o legado de Delors significa, acima de tudo, recordar aos dirigentes europeus de hoje os valores e os objetivos que estão na génese do projeto pelo qual eles são transitoriamente os máximos responsáveis. Significa recordar que o interesse geral europeu não pode prescindir da inclusão de interesses nacionais por vezes contraditórios entre si, na busca permanente do acordo onde todos sintam que têm algo a ganhar em virtude da partilha de soberania. Significa, em suma, que na Europa de Monnet, de Kohl e de Delors não pode haver ganhadores permanentes e perdedores permanentes!

Perante a crise grega, e sobretudo perante as marcas profundas de divisão e de antagonismo criadas pelo que se pretende apresentar como uma “solução”, que não se afigura sustentável nem mesmo a curto prazo, vale a pena meditar no exemplo e na ação de Jacques Delors. E já agora, reler o seu Relatório de 1989 sobre a moeda única para perceber o caminho alternativo que importa percorrer se pretendemos evitar o declínio europeu!

Obrigado, Jacques!

**Presidente da Fundação Notre Europe
— Institut Jacques Delors**

Hoje, quando a União Europeia vive um dos momentos mais críticos da sua história, recordar a ação de Delors não representa apenas uma homenagem ao homem e ao dirigente político a que a União tanto deve e que nós, portugueses, reconhecemos como um verdadeiro símbolo de uma Europa de paz, liberdade, segurança e prosperidade.

Invocar o legado de Jacques Delors não representa um qualquer saudosismo ou uma breve melancolia de um paradigma europeu que presentimos não ir regressar. Sabemos todos